

O SUPORTE PSIQUIÁTRICO AO ARGUMENTO NIETZSCHEANO DE UMA NULIDADE DE PODER NO TIPO FISIOPSICOLÓGICO DO REDENTOR

*PSYCHIATRIC SUPPORT FOR THE NIETZSCHEAN ARGUMENT OF A NULLITY OF
POWER IN THE PSYCHOLOGICAL TYPE OF THE REDEEMER*

Wesley Barbosa de JESUS
Doutorando em Filosofia pela UFES.
E-mail: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo discutirá como o debate médico e biologizante do século XIX encontrava-se no desenvolvimento do pensamento de Nietzsche, especialmente na sua tipologia de Jesus. Primeiramente, exporemos a teoria da degenerescência elaborada por Morel para em seguida avançarmos para os conceitos de esgotamento e hiperexcitabilidade, de Féré. Por fim, endossaremos o argumento de que a Redenção do crucificado deu-se por causa de aspectos próprios a seu quadro nosológico. Enquanto perspectiva, os apontamentos de Sena sobre o retardo mental de Jesus, não soam blasfematórios, ao contrário, são condições hermenêuticas necessárias ao advento do sagrado. O idiota de Jesus tem sua Redenção na medida que faz de sua degenerescência o suporte de seu encontro com o Pai na sua interiorização de si.

PALAVRAS-CHAVE: degenerescência, esgotamento, hiperexcitabilidade e transvaloração dos valores.

ABSTRACT:

This article will discuss how the medical and biologizing debate of the 19th century was found in the development of Nietzsche's thought, especially in his typology of Jesus. First, we will expose Morel's theory of degeneracy and then move on to Féré's concepts of exhaustion and hyperexcitability. Finally, we will endorse the argument that the Redemption of the crucified took place because of aspects specific to his nosological framework. As a perspective, Sena's remarks about Jesus' mental retardation do not sound blasphemous, on the contrary, they are hermeneutical conditions necessary for the advent of the sacred. Jesus' idiot has his Redemption insofar as he makes his degeneration the support of his encounter with the Father in his interiorization of himself.

KEYWORDS: degeneration, exhaustion, hyperexcitability and revaluation of values.

1 Teoria da degenerescência

As causas da degenerescência não são naturais, mas humanas, sociais. Por parte da natureza, haja vista seu aspecto de luta e combate permanente como condição intrínseca a sobrevivência do organismo no que concerne a todos os aspectos de uma eficiência na garantia da vida, - estrutura esquelético – muscular, visão aguçada, audição, capacidade de elaboração de estratégias de camuflagem, ataque e fuga, imobilização da presa, dentes e garras capazes de dilacerar regiões altamente vascularizadas para o sucesso no abate do animal submetido, sucesso reprodutivo com machos geneticamente evoluídos, fortes e inteligentes, assim como fêmeas de mesmo porte e sapiência, poderosas na gestação, cuidado e proteção dos filhotes; assim como organismos bioquimicamente respondentes aos estímulos do meio: velocidade de reação a estímulos externos, liberação dos Potenciais de Ação¹, reação neuro sináptica, liberação de

¹ Não é intuito deste artigo debruçar-se sobre as descobertas e avanços das neurociências, porém, sucintamente, já que o debate é muito longo, apresentaremos algumas nuances do conceito para em termos didáticos posicionar o leitor acerca do que seja Potenciais de Ação. Grosso Modo, o Potencial de Ação é uma despolarização celular em que o meio intra e extracelular sofrem modificações de potenciais elétricos. “(...) o citosol do neurônio em repouso está carregado negativamente em relação ao fluido extracelular. O Potencial de Ação é uma inversão rápida dessa situação, de forma que, por um instante, o lado citosólico da membrana torna-se carregado positivamente com relação ao lado externo.” (BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 76). Tal despolarização ocorre devido a reações químicas específicas de íons potássio e íons sódio nas quais são reativas as informações do mundo real. As informações provenientes do mundo são interpretadas em termos sensoriais, cognitivos e de ação contundente na resolução de problemas pontuais por estes processos neuroquímico elétricos. “A despolarização da célula durante o potencial de ação é causada pelo influxo de íons sódio através da membrana, e a repolarização é causada pelo efluxo de íons potássio.” (BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A.; *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 80). O movimento dos íons ocorre por intermédio da membrana por causa do gradiente de concentração. “(...) vamos supor que o K⁺ esteja vinte vezes mais concentrado dentro da célula e que o Na⁺ esteja dez vezes mais concentrado fora dela. De acordo com a equação de Nernst, a 37°C, EK=- 80mV, e ENa=62mV.” Considerando ainda as Bombas de K⁺ e de Na⁺ que se abrem e se fecham para regular o movimento dos íons em direção ao seu gradiente de concentração tentando regular a carga elétrica da célula e do meio extracelular, se tem uma transmissão elétrica de um meio a outro. A corrente elétrica (I) é a condução de informações, transmissão de dados, de uma célula a outra. “As bombas estabelecem gradientes de concentração iônicos de tal forma que K⁺ esteja concentrado dentro da célula, e Na⁺, fora. A) Inicialmente, imaginemos que todos os canais estejam fechados, e o potencial de membrana seja igual a 0 mV. [EK=-80mV, ENa=62mV, gK=0, IK=gK(Vm-EK)=0]. B) Agora, abrimos os canais de potássio, e o K⁺ flui para fora da célula. Esse movimento do K⁺ é uma corrente elétrica, IK, e flui enquanto a condutância da membrana aos íons K⁺, gK, seja maior do que zero, e o potencial de membrana não se iguale ao potencial de equilíbrio do potássio. [EK=-80mV, ENa=62mV, gK>0, IK=gk(Vm - EK)>0]. C) No equilíbrio, não há corrente de potássio porque, embora gK, seja maior do que zero, o potencial de membrana em equilíbrio é igual ao EK. No equilíbrio um igual número de íons K⁺ entra a sai da célula. [EK=-80mV, ENa=62mV, gK>0, IK=gk(Vm - EK)=0]” (BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A.; *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 81) E, ainda, o canal sódio dependente voltagem também regula o trânsito iônico no meio intra e extracelular. É uma molécula complexa subdividida em quatro regiões em que cada uma delas tem seis outros segmentados chamados S1, S2...S6, nos quais se abrem e se fecham permitindo a passagem dos íons Na⁺. “O canal de sódio dependente de voltagem é criado a partir de um único e longo polipeptídeo”. (BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A.; *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 84) Uma modificação no potencial elétrico da membrana provoca a abertura do canal sódio voltagem permitindo a migração do Na⁺ em direção ao seu gradiente de concentração. “O canal de sódio é ativado por uma alteração na voltagem através da membrana. Sabe-se hoje que o sensor de voltagem reside no segmento S4 da molécula. Nesse segmento, resíduos de aminoácidos carregados positivamente estão posicionados regularmente ao longo das voltas da alfa-hélice. Assim, o segmento inteiro pode ser forçado a mover-se quando se muda o potencial de membrana. A despolarização empurra o S4 do interior da

hormônios e resposta rápida e brutal; sistema imunológico eficiente em recrutar as células de defesa o mais rápido possível mobilizando forças para eliminar ou controlar o agente invasor disponibilizando o animal para a condição operacional de guerra própria da vida; capacidade sensitivo emocional que o animal dotado de um sistema nervoso bastante complexo, os mamíferos por exemplo, dotados de habilidades sofisticadas de leitura do mundo como medo, raiva, euforia, dor; mobilização de grupos para o trabalho em sociedade atribuindo uma divisão social do trabalho e, portanto, máxima eficiência da sobrevivência da coletividade (abelhas e formigas) ou formação de agrupamentos compactos sob a liderança de um macho destemido e guerreiro que provou a sua superioridade pela força, valentia, saúde e inteligência (lobos); a natureza, nestas condições beligerantes, jamais permitiria o surgimento e reprodução de organismos degenerados, ela os eliminaria imediatamente pela violência, pois no mundo biológico os instintos agressivos impedem o nivelamento dos bichos, eles são distintos, e os fracos serão aniquilados, mas este fraco já é detentor de uma força extraordinária, entretanto incapaz de suportar o combate com uma força ainda maior. Ou seja, a degenerescência é insustentável nesta guerra, se aquele que está mais perto da força mais tirana é eliminado por ela, que dirá o degenerado que a cada geração se afasta dos mais altivos e poderosos.

Podemos de antemão ter como verossímil que de tempos em tempos, em determinados lugares da terra, um *sentimento de obstrução fisiológica* deve quase que necessariamente apossar-se de vastas massas, o qual, no entanto, por falta de saber fisiológico, não penetra como tal na consciência, de modo que seu “motivo”, seu remédio, pode ser procurado e experimentado tão-somente no domínio psicológico moral (- e esta é minha fórmula mais geral para o que comumente é chamado de “religião”)(NIETZSCHE, 1998, p. 120).²

Somente no mundo dos homens é possível a sobrevivência de sujeitos completamente incompetentes no esforço de uma existência nunca pronta, sempre provisória, uma grande travessia solitária na frágil canoa sobre o rio sem margens da vida. Morel considerava que três causas contribuem

membrana para fora, e essa mudança conformacional na molécula faz com que o portão se abra.” (BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A.; *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 86) O princípio de funcionamento dos potenciais de ação conduziu a descoberta, já no final do século XIX, das sinapses e da transmissão sináptica, ou seja, estas descargas elétricas precisavam passar de um neurônio específico a outro, em regiões altamente especializadas em receber determinadas proteínas, neurotransmissores, de modo a processar, por exemplo, uma informação motora de luta ou fuga. “Em 1897, o fisiologista inglês Charles Sherrington deu nome a esses sítios: sinapses.” As sinapses podem ser elétricas ou químicas, sendo as elétricas transmitidas mais rapidamente, “são relativamente simples em estrutura e função e permitem a transferência direta da corrente iônica de uma célula para outra.” (BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A.; *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 103), enquanto as sinapses químicas são mais lentas, pois exigem um processo de reação química na fenda sináptica, “as membranas pré e pós-sináptica nas sinapses químicas são separadas por uma fenda – a fenda sináptica – com largura de 20 a 50nm(...). O terminal típico contém dúzias de pequenas organelas esféricas delimitadas por membranas, cada qual com um diâmetro de 50nm, denominados vesículas sinápticas. Essas vesículas armazenam neurotransmissores, substâncias químicas utilizadas na comunicação com neurônios pós-sinápticos.” (BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A.; *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 105).

² GM III, 17

para o processo de variação dos humanos: “[...], diz Buffon, produzem mudança, alteração e degradação de animais: clima, comida e domesticidade.” (MOREL, 1857, p.8).³ Que por sua vez estas causas atuam no processo de modificação dos organismos da espécie. Para Morel, tais transformações dão-se ou por agentes naturais ou mórbidos. Os primeiros atuam no melhoramento genético adaptativo do organismo atuando para uma seletividade melhor, criando seres mais robustos e criativos as intempéries. Isto é, as modificações “(...) naturais, que representam essas *variações na espécie*, dando origem, para Morel, as diferentes raças, e que permitem que as mesmas se adéquem às necessidades naturais específicas do meio em que habitam(...).”(SENA, 2012, p. 317). Já as mórbidas, por sua vez, não contribuem para a evolução, muito pelo contrário, degradam o organismo levando-o a uma ordem fisiológica sempre piorada e decadente. Ora, não seria surpreendente se aparecesse alguém levantando a suspeita de que a causa de diversos males nos quais estão submetidos os seres humanos fossem produto desta sociedade industrial, ou seja, de que determinados trabalhos são adoecedores, de que o uso de determinadas substâncias anestésicas, tanto fármacos, drogas legais, quanto substâncias psicotrópicas não autorizadas pelas agências de saúde e sanitária, assim como pela legislação penal, são necessárias como escape, mas que corroboram para a promoção de enfermidades diversas⁴; de que a solidão, o pessimismo, a dor de uma vida que perdeu a proteção da comunidade tribal, que introjeta a ilusão de um liberalismo que faz do indivíduo o protagonista de sua história, um individualismo que amarra a corda no próprio pescoço porque reivindica o tempo todo o grupo sem reconhecê-lo, ao mesmo tempo em que quer assumir o seu mérito, sabe, mesmo que inconscientemente, que a comunidade é parte do seu sucesso, e mais, a modernidade industrial individualista produz rebanho pela massificação do consumo, do trabalho industrial coordenado, isto é, o trabalho excessivo sob o argumento de uma meritocracia não funda o *pathos* da distância, ao contrário, aprisiona ainda mais o sujeito à manada dos normais.

Tal sentimento de obstrução pode ser de origem a mais diversa: seja como resultado do cruzamento de raças demasiado heterogêneas (ou de classes – classes sempre expressam também diferenças de origem ou de raça: o “*Weltschmerz*” [dor do mundo] europeu, o “pessimismo” do século XIX, é essencialmente resultado de uma mistura de classes absurdamente súbita); ou determinado por uma emigração equivocada – uma raça

³(“*Trois causes principales, dit Buffon, produisent le changement, l’altération et la dégradation des animaux : ce sont le climat, la nourriture et la domesticité.*”)

⁴Nos referimos aqui, exatamente, ao uso compulsivo de álcool, cocaína, *crack*, heroína, tabaco, ansiolíticos diversos, antidepressivos, morfina e muitas outras substâncias químicas que, talvez, inicialmente, sejam muito úteis à saúde mental das pessoas, mas acabariam por ser utilizadas como recursos para resistir a carga da vida, principalmente com a advento da era industrial e o seu trabalho extenuante. Ainda reitero um certo tom irônico no sentido de instigar o leitor a pensar sobre a convivência, para ser bem sutil, entre os médicos e os interesses comerciais das indústrias farmacêuticas, sendo as drogas psiquiátricas mais interessantes a um determinado grupo por não oferecerem nenhum tipo de constrangimento com a polícia, nem subversão penal. Outrossim, gostaríamos de esclarecer que não advogamos por um discurso moralista sobre as drogas, sejam as lícitas ou ilícitas (aliás, a descriminalização é um caminho que se sabe eficaz e há exemplos muito consistentes no mundo), mas a sua instrumentalização pelo capital, por um lado, e o seu uso abusivo quando a vida parece ter perdido todos os seus suportes e a vontade de poder decai a um fundo paralisante e mórbido.

chegada a um clima para o qual sua capacidade de adaptação não basta (o caso dos hindus na Índia); ou consequência de velhice e cansaço da raça (pessimismo parisiense de 1850 em diante); ou de uma dieta errada (alcoolismo na Idade Média; o absurdo dos vegetarianos, que, é verdade, tem a seu favor a autoridade de *junker* Cristóvão, de Shakespeare); ou de degeneração do sangue, malária, sífilis e semelhantes (depressão alemã após a Guerra dos Trinta Anos, que infectou metade da Alemanha com doenças ruins, preparando assim o terreno para a servilidade alemã, a mesquinhez alemã).(NIETZSCHE, 1998, p. 120).⁵

Morel indica precisamente esses fenômenos sociais como causas do processo degenerativo. “Em outras palavras, o exercício de ocupações perigosas ou insalubres, vivendo em centros muito aglomerados ou insalubres, sujeita o organismo a novas causas de desperdício e conseqüentemente de degeneração.” (MOREL, 1857, p. 50).⁶ Evidentemente que como médico, preocupava-se com os aspectos fisiológicos de promoção de saúde e doença, ou seja, não era seu intuito realizar uma denúncia do caráter nefasto desta novidade dos noventa, a indústria. Não queria detalhar os processos de intoxicação que passam o homem moderno para instaurar uma consciência política nas massas nas quais pudessem acordar e começar sua luta por qualidade de vida. Sua empreitada é médico – científica: elaborar ferramentas teóricas para diagnosticar a idiotia. Destarte, lista uma série de fatores indicadores da degenerescência, fatores, inequivocamente produzidos por este contexto histórico específico. Fatores,

que conduzem a sua degradação hereditária progressiva, são, sobretudo, intoxicações, principalmente pelo abuso do álcool, uma alimentação deficiente, um meio social miserável, a indústria, profissões insalubres, a imoralidade dos costumes, uma conduta sexual desregrada, doenças da infância e a própria herança de uma carga de degenerescência (em outros termos, a degenerescência pode ser congênita ou adquirida).(SENA, 2012, p. 318).

Entretanto, apesar dos fatores coincidirem bastante com o contexto socioeconômico cultural europeu, Morel dá indicativos que a idiotice e a degenerescência não são típicas da Europa e que o fenômeno se manifesta em diversas partes do mundo. Em todos os lugares demonstra o mesmo quadro observado nos pacientes europeus, uma degradação total do organismo dada de forma hereditária até um nível em que se torna impossível a sua reprodução. Como a lista é bastante extensa se pode atribuir diversas causas para o desenvolvimento da doença. Todavia, é importante salientar que a vida exige do organismo força e vigor, em qualquer lugar do mundo e, portanto, da mesma maneira, trabalha para sucumbir e eliminar uma vida baixa e degenerada. “O idiota profundo possui como elemento distintivo, portanto, o não desenvolvimento da puberdade, o não desenvolvimento de suas faculdades viris.”(SENA, 2012, p. 322). Logo, a degenerescência é um quadro comum da idiotia, aprofundando-a a cada geração.

⁵ GM III, 17

⁶ (“C’est dire en d’autres termes que l’exercice de professions dangereuses ou insalubres, l’habitation dans des centres trop peuplés ou malsains, soumettent l’organisme à de nouvelles causes de dépérissement et conséquemment de dégénérescence.”)

2 Teoria da hiperexcitabilidade

A perspectiva médico fisiológica é plenamente coerente ao projeto nietzschiano da vontade de poder. “Por trás de toda lógica e de sua aparente soberania de movimentos existem valorações, ou, falando mais claramente, exigências fisiológicas para a preservação de uma determinada espécie de vida.”(NIETZSCHE, 1992, p. 11).⁷ Assim, a perspectiva médica explica de forma científica, logo, com demonstrações empíricas, como fisiologicamente o organismo é dotado de vontade de poder, não só o homem, mas tudo que encontra-se neste infinito universo. Porque todo o existir é estar em disputa, em luta contra ingerências hostis que da mesma maneira tentam te aniquilar, assim a vida é sempre um esforço hercúleo para o aumento da força com o único intuito de dominar e submeter os fracos. Não se domina por maldade ou bondade, se expande a força para garantir a vida do próprio organismo, para que ele consiga organizar sua alimentação e se reproduzir de modo eficaz perpetuando sua genética vitoriosa. Neste sentido, Nietzsche buscará suporte conceitual na fisiologia para desenvolver uma explicação sobre as religiões e o comportamento religioso já que quando se trata da revolução escrava da moral judaico-cristã não é o dispor-se em guerra, da força ativa que se lança para fora, que vigora, mas o ressentimento e o rancor.

Mas é sobretudo a partir de 1887, muito provavelmente impulsionado pela leitura das obras de Féré, que a tentativa de realizar uma fisiologia da religião e do homem religioso começa a adquirir contornos bem mais precisos e a receber um grande destaque nas discussões dos últimos escritos do filósofo.(SENA, 2012, p. 215).

Allan Sena aponta que desde 1870 Nietzsche já considerava os valores fisiológicos para interpretar a decadência e o declínio “[...], Nietzsche já analisa a decadência (*Verfall*) ou declínio (*Niedergang*) de uma cultura em termos biológicos, como um fenômeno ocasionado pela desintegração de um princípio orgânico central.” (SENA, 2012, p. 216). Ora, se Nietzsche elabora uma filosofia *Além de Bem e Mal* é de se sustentar que uma perspectiva fisiologista explique o fenômeno religioso, mas não há condições de afirmá-la tão solidamente a ponto de se perder as multiplicidades grandiosas de um filósofo que ataca as considerações transcendentalistas; ao se afirmar uma perspectiva, não se faz como a negar as outras, mas para conseguir alcançar as outras, não por vias pacatas e sem dor, viver é estar em disputa.

Deste modo, pode-se dizer que a fisiologia, em Nietzsche, engloba um aspecto biológico (daí a importância das fontes científicas), cultural (daí a importância da crítica literária), mas também de modelos interpretativos elaborados no interior de um combate de forças, de luta de *quantas* de poder, que interpretam, em busca de crescimento, de um aumento

⁷ BM 3

de poder, e, nesse sentido, o filósofo confere um novo significado aos dados que suas diferentes fontes fornecem.(SENA, 2012, p. 225).

O homem tem receptores sensitivo(percepção do mundo, periferia do corpo)-neurônais(interpretação do mundo, cérebro) nos órgãos dos sentidos, - como os mecanorreceptores responsáveis por captar estímulos mecânicos na pele, ou os quimiorreceptores capazes de identificar determinadas substâncias químicas pelo olfato e paladar, ou, ainda, os termorreceptores relativos a percepção da temperatura, além dos fotorreceptores referentes à visão e os nociceptores incorporados a discriminação da dor - , nos quais lhes possibilitam receber a carga informacional do mundo e interpretá-la, ou seja, informações que são transmitidas da zona periférica para a zona central do sistema nervoso utilizando neurônios primários e secundários para a interpretação do cérebro e devolução do estímulo como resposta funcional do organismo. O Sistema Nervoso Autônomo é dividido em Simpático (SNS) e Parassimpático (SNP). O Simpático está associado ao mecanismo de Luta ou Fuga e comporta-se no sentido de acelerar o corpo aumentando consideravelmente os batimentos cardíacos vascularizando os músculos, dilatando a pupila, acelerando a respiração, tudo isso pela liberação instantânea de hormônios catalisadores de reações químicas disponibilizando energia para o combate. O parassimpático regula a ação do Simpático liberando outros hormônios capazes de reduzir as reações químicas, desacelerando o sujeito, relaxando-o para uma atividade digestiva, ou seja, queda da frequência cardíaca, redução do tamanho da pupila, vascularização das áreas digestivas, principalmente, dos tubos peristálticos. Ora, essa interpretação neurovegetativa é iniciada pela leitura ambiental realizada pelos órgãos dos sentidos, sem eles estaríamos condenados a sucumbir. Nesse sentido, a conclusão elementar na qual chegou Féré é a de que as suas experiências laboratoriais de indução psicomotora relacionam-se ao Sistema Nervoso Simpático e que a hiperexcitação corresponde a uma deficiência no funcionamento deste sistema e, concomitantemente, do Sistema Nervoso Parassimpático.

O grande salto interpretativo corresponde à conexão entre o cristão, filho do ressentimento e do rancor, com a hiperexcitabilidade.

“Alguém deve ser culpado de que eu esteja tão mal” – esta maneira de raciocinar é comum a todos os doentes, tanto mais quanto lhes for desconhecida a verdadeira causa do seu mal-estar, a fisiológica (ela pode encontrar-se, digamos, numa enfermidade do *nervus sympathicus*, numa anormal secreção de bÍlis, numa pobreza de sulfato e fosfato de potássio no sangue, em estados de tensão do baixo ventre que impedem a circulação do sangue, ou ainda numa degeneração dos ovários etc).(NIETZSCHE, 1998, p.117)

Ou seja, o sujeito forjado na cultura judaico-cristã é portador de uma irritabilidade mórbida, o *quantum* de energia gasto por ele como resposta a pequenos estímulos é muito maior. O ressentido não reage, fica remoendo, inverte o sentido da força para dentro e fica planejando uma vingança imaginária. Fisiologicamente: isto é uma desregulação funcional entre a informação do meio e a reação simpática.

3 Jesus e o tipo obstruído

Os degenerados aparecem no mundo o tempo todo. Aparecem e desaparecem. A própria vida exige que seres subdesenvolvidos surjam e desapareçam. A vida necessita disto para se superar.

Na natureza, observa-se a produção regular e necessária de seres degenerados como parte da efetivação da vida; a vida não pode prescindir da degenerescência: esse fenômeno pertence necessariamente a ela como condição de superação.(SENA, 2012, p. 382).

Portanto, o tipo Jesus não destoava da totalidade daquela sociedade, tanto dos sacerdotes quanto da massa chandala. Porém, a sua redenção é a chave interpretativa para uma crítica aos valores do cristianismo eclesiástico. Diferentemente da moral evangélica, a Igreja estabeleceu como ideais a luta pelo nivelamento da sociedade, fazendo dos valores nobres anúncios de uma arrogância, considerando-os vergonhosos, elevando seus valores decaídos como nobres, isto é, aquilo que deveria ser eliminado naturalmente pela brutalidade do meio social e biológico permaneceu como fundação da compaixão cristã. Todavia, a existência prolongada destes degenerados configurou-se como estratégia de negação da vida. O sofredor, a cada geração, ainda mais sofredor, passa por uma provação, e que sua disciplina, sua dieta, seu ideal ascético o conduzirá a uma eternidade plenificada de paz e alegria.

A moral da compaixão propalada pelo cristianismo e pelos “valores modernos” ameaça seriamente a vida quando busca conservar a degenerescência *a todo custo*, fazendo com que ela se propague e predomine como única forma de vida existente. A *tipologia* nietzschiana do “Código de Manu”, do sistema de castas indiano, da *tshandala*, tem como função ilustrar exatamente essa realidade: “Os fracos e malogrados devem perecer: primeiro princípio de *nosso* amor aos homens. E deve-se ajudá-los nisso.”(NIETZSCHE, 2007, p. 09⁸ apud SENA, 2012, p. 382).

O idiota é a nomenclatura criada pela medicina para indicar o que o senso comum chama de inábil mental, termo, aliás, que parece estar mais perto das considerações realizadas por Nietzsche. “O que na literatura médica do século XIX era chamado de idiotia, hoje é conhecido – vulgarmente – como retardo mental, deficiência mental, e, de um modo mais correto, *inabilidade mental*.”(SENA, 2012, p. 384). A pessoa com essa característica teve seu desenvolvimento interrompido ainda na infância e é portador de um atraso hereditário, uma condição piorada, degenerada, que não contribui para o processo evolutivo de melhoramento genético da espécie. E quanto maior a degenerescência maior a hiperexcitabilidade. Ora, a moral ressentida é uma moral não ativa no sentido de que evita o confronto direto porque a pessoa reage fisiologicamente de forma desproporcional, assim mantém a força dentro de si elaborando estratégias de vingança a partir de uma memória afetiva rancorosa que no fim não se efetivará como uma descarga, pois o organismo bastante combalido não tem forças.

⁸ AC 2

Antes direi ao ouvido dos psicólogos, supondo que desejem algum dia estudar de perto o ressentimento: hoje esta planta floresce do modo mais esplêndido entre os anarquistas e antissemitas, aliás onde sempre floresceu, na sombra, como a violeta, embora com outro cheiro. E como do que é igual sempre brotarão iguais, não surpreende ver surgir, precisamente destes círculos, tentativas como já houve bastantes de *sacralizar* a vingança sob o nome de justiça – como se no fundo a justiça fosse apenas uma evolução do sentimento de estar ferido – e depois promover, com a vingança, os afetos *reativos*. Quanto a este ponto, eu não teria em absoluto o que objetar: tendo em vista o problema biológico no seu todo (...).(NIETZSCHE, 1998, p.62).⁹

Esta moral similar aos dos organismos esgotados não é produto do acaso, mas consequência de um longo processo educacional de uma religião auspiciada por um sacerdócio hiperexcitável a uma gente predisposta também a hiperexcitabilidade e o esgotamento. Jesus e o cristianismo são instituições da degenerescência fisiológica, mas é o processo redentor da prática evangélica que permite uma contraposição ao discurso de convento.

Dizeis que acreditais em Zaratustra? Mas, que importa Zaratustra? Vós sois meus crentes; mas, que importam todos os crentes!

Vós não vos havíeis buscado ainda; então me encontrastes. Assim fazem todos os crentes: por isso é a fé tão pouca coisa. (...)

E um dia devereis ser meus amigos e filho de *uma* só esperança, então quero estar ao vosso lado pela terceira vez para festejar convosco o Grande Meio-dia.

E será o Grande Meio-dia, quando o homem esteja à metade de seu trajeto, entre a besta e o além-homem, e celebrará como sua esperança suprema o seu caminho para o crepúsculo: porque será o caminho para um novo amanhecer.

Então, no momento de perecer, ele se bendirá a si mesmo, a fim de passar para o outro lado, e o sol de seu conhecimento estará no Meio-dia.

Todos os deuses morreram; agora queremos que viva o Além-homem! Tal será um dia, ao chegar o Grande Meio-dia, o nosso último querer.

Assim falava Zaratustra.(NIETZSCHE, 2011, p. 92).¹⁰

Morel e Féré explicam o desenvolvimento do idiota. Fundamentam seus conceitos, Morel com a teoria da degenerescência e sua transmissão hereditária, e Féré com o conceito de hiperexcitabilidade, esgotamento e esterilidade. De seus pressupostos que a idiotia perde seu traço vulgar e ganha contorno de transtorno mental no qual tanto Nietzsche quanto Dostoiévski irão recuperar para fundamentar seus escritos, o tipo Jesus n' *O Anticristo* e Míchkin n' *O Idiota*.

Nas obras dos dois últimos médicos, sobretudo, a idiotia já não é mais unicamente entendida como uma inabilidade mental, e sim como um estado degenerativo em que a *totalidade* das habilidades tem o seu desenvolvimento interrompido antes que o sujeito venha a atingir a idade adulta.(SENA, 2012, p. 391).

É na seção 29 de *O Anticristo* que Nietzsche descreve o seu tipo Jesus, enfaticamente ancorado nos conceitos de Morel e Féré. “Conhecemos um estado de doentia excitabilidade do sentido do *tato*

⁹ GM II, 11

¹⁰ Za I, Da virtude dadivosa, III

[*krankhafter Reizbarkeit des Tastsinns*], no qual se recua, tremendo, ante qualquer contato, qualquer apreensão de um objeto sólido.(NIETZSCHE, 2007, p. 35).”¹¹

Por isso, o tipo Jesus, é o idiota, porque nele está contido todas as características observáveis do diagnóstico médico, ou seja, uma não reatividade por causa de uma hiperexcitabilidade congênita produto da degenerescência na qual conduzirá a um esgotamento das funções: um ser desprovido de vontade de poder.

Mas o que em tais mestiços adoce e degenera mais profundamente é a vontade: eles não conhecem mais a independência no decidir, o ousado prazer no querer – duvidam até em sonhos da “liberdade da vontade”.(NIETZSCHE, 1992, p. 113).¹²

A sua condição patológica o impede de exercer sua vontade como expansão de seu poder de domínio.

Um sujeito que apresenta um grau extremo de degenerescência, vê-se, deste modo, devido a sua hiperexcitabilidade extrema, desprotegido frente ao mundo externo, vulnerável à excitação mais sutil, mais imperceptível, não conseguindo mais, por conta de seu esgotamento, responder, resistir aos estímulos externos.(SENA, 2012, p. 396).

Exposto o debate, acreditamos indicar solidamente os principais argumentos para justificar e sustentar a hipótese médica acerca da construção nietzscheana do tipo Jesus. Nesse sentido, leiamos ainda este último ponto a título de fechamento hermenêutico, ao menos provisoriamente, e finalização do trabalho.

4 Ausência de Vontade de Poder no Redentor

Jesus, diferentemente do ressentido, não reage porque está esgotado, porém aceita a sua condição. Não fica elaborando justificativas, ressentindo, invertendo o sentido do rancor, lançando para o além-mundo a felicidade. O caráter redentor da prática evangélica está no fato de se assumir a sua condição de incapaz de suportar a dor e assim, por essa fraqueza, ausência de vontade de poder, interiorizar-se anulando o contato com o mundo, completamente hostil, e efetivar a sua beatitude, o encontro com Deus, o ser Deus numa relação profunda de conexão fisiológico cosmológica. A distorção conduzida pelo traiçoeiro do alegre mensageiro obscureceu o tipo psicológico do Redentor. Pois, ao explicar a cruz como sacrifício de Deus para redenção dos pecados da humanidade anulou toda a mensagem de Jesus. A vida de pecado é a única que se tem e assumi-la, com toda a sua dor, é ser portador de uma existência capaz de gerar novos valores, de criticar os valores, de transvalorar todos os valores. A vida de Jesus enquanto sem vontade de poder não cria valores, entretanto promove a crítica aos valores cristológicos por desconhecer a cultura, o método litúrgico, o sacerdote, o ritual; por ser uma vida degenerada,

¹¹ AC 29

¹² BM 208

embriaga-se de Deus, porque só tem condições de olhar para si, porque fisiologicamente é incapaz de combater o mal, a Igreja, os sacerdotes. O não combate a Igreja em si já é um ataque voraz ao fanatismo cristão, o incapaz de ter inimigos não é inimigo nem da Igreja, - esta que é cheia de inimigos e o tempo todo reage, ou ressentindo ou declarando a guerra santa -, nem ao sacerdócio e seus asseclas. Concomitantemente, essa não reação efetiva-se porque a redenção se dá no encontro, sem intermediários, com Deus. Ora, tais pressupostos são inapropriados a uma cultura cristã de domínio e adestramento da vida, a prática evangélica, portanto, é a mais contrária e por isso, a principal inimiga do cristianismo. Foi a sua idiotia o valor que sustentou a sua capacidade de não reagir e, por isso, constranger o sacerdócio que se sentiu forçado a inventar uma lógica de vingança e culpados para consolidar seu projeto político. Jesus não nega a sua própria vida, ele a aceita com alegria e jovialidade, mesmo na sua condição degenerada e em iminente extinção.

O que Jesus fez e o que torna sua mensagem evangélica importante para a transvaloração dos valores foi obedecer ao seu instinto de vida mais básico, procurando aquilo que lhe era favorável de acordo com sua condição degenerativa, diferente do homem ressentido, que é atraído pelo que é prejudicial à sua constituição fisiológica degenerada.(SENA, 2012, p. 387).

Como fisiologicamente obstruído Jesus não tinha um projeto político revolucionário, uma missão profética como um enviado para redimir o mundo de sua maldade endógena e transcender a escuridão do mal pela luz de um projeto beatífico de autoflagelação e ascetismo. A sua beatitude era a idiotia, o seu transtorno era seu ato criador, haja vista a não reação. Por isso, as investidas de *A Vida de Jesus* de Renan não deram conta de uma realidade psicológica aquém das premissas historiográficas comprimidas nas fontes nas quais constituem-se corrompidas. Gênio e herói não correspondem ao modo de ser de Jesus, enquanto esgotado não era conhecedor nem da política, nem da cultura. Nietzsche enfatiza esses aspectos como os mais inapropriados para uma aproximação do tipo psicológico do redentor. O mundo lhe é insuportável. Os estímulos provenientes dele desencadeiam uma reação neuroquímica tal no Sistema Nervoso Simpático que uma quantidade de energia enorme é recrutada para uma demanda bem reduzida. O corpo degenerado, fragilizado por sua condição piorada, não concebe tal descarga, portanto para evitar a liberação do pouco que ainda há, evita todo o contato.

Segundo o filósofo essa doentia excitabilidade do sentido do tato faz com que todo e qualquer contato com a realidade provoque uma dor insuportável para Jesus, por isso, ele é obrigado a voltar-se para o seu interior e evitar toda forma de contato, de resistência, de conflito, a fim de evitar todo tipo de dor.(SENA, 2012, p. 395).

Essa prática é o seu ato criador, não reagir, ser uma consciência presa ao instante, esquecida, apolítica, pueril. Sua condição como a mais vil é aquela que o torna grandioso. A vontade de poder, uma ausência, é o seu ato de redenção.

Se Jesus não é um gênio, isso se deve muito mais a sua incapacidade de entrar em contato com uma realidade qualquer (que é resultado direto de sua incapacidade de resistir às excitações externas), de, por consequência, entender as necessidades do homem público (que não poderiam vir a ser compartilhadas por ele), de compreender as noções de tempo e espaço, de fixidez, de identidade, de alteridade, de conhecer o que é ciência, lei, arte, política, economia, cultura, moral, lógica, conceito, doutrina, dogma, religião, etc.(SENA, 2012, p. 392).

Não há vontade. A mínima força que seja não lança mão da vontade. Este corpo sem vontade é uma interioridade em si mesmo, uma negação da verdade do mundo em prol de uma verdade que diz respeito apenas a si mesmo, impossível de ser transmitida aos outros, seja por palavras ou palestras, lições. Jesus pratica uma vida condenada a uma falta de vontade, uma vida sempre estranha ao olhar dos solidarizados pelo rebanho, um estranho a mediocridade do mundo. Não porque fosse excelso e magnânimo, mas porque era um idiota, a mais rastejante e última forma de existência. “É por não suportar o contato com a realidade, que o idiota Jesus cria o seu reino de Deus em seu interior, ou seja, que ele sente *necessidade* de voltar-se sobre si mesmo.”(SENA, 2012, p. 396). Este mundo singular é desprovido de dor. Toda dor é produção da vontade de poder que viril na expansão de seu domínio, no aprimoramento das táticas de combate para a aquisição de mais poder, procura contrapor, marcha em direção à guerra, tem vontade de inimigos poderosos e corajosos dos quais possa testar suas habilidades guerreiras e isto é angustiante: se pode ser derrotado, submetido, escravizado, morto, ferido, pode-se não saber o que fazer e ter que improvisar; mas a besta loura não sucumbe frente a reflexões angustiadas da pré batalha, o guerreiro luta e sofre a sua dor com a coragem de aceitar a vida nestas condições beligerantes. A besta bárbara é poderosa, ela suporta a carga, seu funcionamento fisiológico é saudável. O hiperexcitável, por outro lado, teme o pior, pois sua constituição fisiológica é fraca. Para ele é melhor não resistir ao confronto, nele se gasta muita energia, melhor é evitar.

Todo tipo de resistência a um obstáculo, e, portanto, a um estímulo, traria como consequência para o idiota Jesus uma dor lancinante: primeiro, por conta de sua hiperexcitabilidade, que torna toda sensação intensa demais, e, depois, por conta de seu esgotamento, de sua reserva mínima de força, insuficiente para responder à altura, que traz como consequência uma profunda sensação de impotência, de infelicidade, de desprazer, de dor.(SENA, 2012, p. 398).

Aceitar a condição de um animal desprovido de vontade de poder é o valor de Jesus. Tal ato resignado significou a sua forma de encontrar a paz, a redenção. De encontrar na vida, mesmo esta vida sofrida, insossa, ignóbil, os pedregulhos de uma possibilidade de ser feliz. Ser fraco e desta condição mentalizar uma existência forte, observando a exuberância e alegria dos outros como a invejá-los é negar a sua existência e viver uma mentira de imagens cerebrais de um ser que não se pode ser.

O SUPORTE PSQUIÁTRICO AO ARGUMENTO NIETZSCHEANO DE UMA NULIDADE DE PODER NO TIPO FISIOPSIOLÓGICO DO REDENTOR. EK23014

O cristianismo é chamado religião da compaixão. – A compaixão se opõe aos afetos tónicos, que elevam a energia do sentimento de vida: ela tem efeito depressivo. O indivíduo perde força ao compadecer. (NIETZSCHE, 2007, p. 11).¹³

Jesus, ao contrário, não foi antinatural. Isto é típico dos escravos, escondidos no rebanho, tristes por saberem de sua fraqueza e, assim, incapazes de estabelecer o *pathos* da distância. Então, ficam a imaginar como poderiam ser felizes se fossem como aquele outro que é rico, tem mansões, empresas. Ou, se já sucumbiram à consciência de que esta vida é somente dor, enfatizam que ela é uma provação, um castigo pelo pecado original ou pela morte sacrificial de Deus, porém que as ações disciplinadas e coordenadas do agir bem redimirão a dor num paraíso para sempre feliz como recompensa de todo esse esforço ascético. A novidade de Jesus é não elaborar todas essas narrativas para justificar ou inventar esperanças reconfortantes, como idiota não tem energia potencial suficiente para pensar tais conjecturas e, apenas, por instinto, age e assume o seu não poder.

Por *instinto*, Jesus intuiu que sua felicidade residia em aceitar sua própria condição, convertendo o *não poder* resistir em ‘não querer’ mais resistir, seja em ato, seja no coração, vendo na entrega, na desistência ‘voluntária’, a sua única possibilidade de encontrar o prazer, a felicidade, a paz da alma. (SENA, 2012, p. 398).

O que os psiquiatras diagnosticariam como um quadro de degenerescência grave, de um desvio severo da norma, como a indicação de uma enfermidade digna de pena por seu fatalismo, pela impotência dos outros em poder acolher, cuidar e medicalizar este sujeito condenado; enfim, o tipo Jesus desprovido de vontade de poder é por isto mesmo: virtude, o seu dispor-se no mundo, não em disputa com ele, negando-se a ele, evitando a dor numa interiorização de si que desembocará numa beatitude de amor.

Deste modo, o idiota Jesus encontrou um caminho em que a não resistência, em que a aceitação de si mesmo é o fundamento da bem-aventurança; sua própria incapacidade se torna sua grande virtude: será ela que fará com que não haja mais ocasião para a dor. (SENA, 2012, p. 399).

A redenção do idiota está na sua débil existência, frágil, combalida, insignificante.

Os figos caem das árvores: são bons e doces; e conforme caem, abre-se-lhe a pele vermelha. Eu sou um vento do Norte para os figos maduros.

Assim como figos, caem em vós estas lições, meus amigos: tomai-lhes o sumo e a doce polpa. À vossa volta, reina o outono, e o céu puro da tarde. (...)

O outrora, quando se olhavam os mares longínquos, dizia-se: “Deus”; mas agora eu vos ensino a dizer: “Além-Homem”. (...)

Poderíeis *criar* um Deus? Pois então não me faleis de Deuses! Contudo podereis criar o Além-Homem. (NIETZSCHE, 2011, p. 102).¹⁴

¹³ AC 7

¹⁴ Za II, Nas Ilhas Bem-aventuradas.

A distorção crística da mensagem evangélica, muito mais uma prática que uma doutrina transmissível aos outros por uma catequese epistolar, promovida por Paulo e conduzida metodicamente pelo sacerdote cristão ao longo dos séculos travestiu Jesus de conceitos inapropriados a seu ato beatífico. O homem Jesus não queria se vingar, punir ao inferno, anunciar o reino dos céus a uns e negar a outros, “o reino dos céus está em nós”(NIETZSCHE, 2007, p. 35).¹⁵ O homem Jesus foi o mais divino dos homens porque a sua condição idiota, degenerada, o desligou de todos os elos constituidores de uma educação judaica colada a uma Lei moral que julga, ressentido, inventa inimigos imaginários e nega a vida. A morte de Jesus é produto do que ele era, ou seja, o extremo oposto de uma sociedade profundamente ressentida. A mentalidade manicomial de uma gente arraigada no ressentimento e na vontade de comparar-se não concebe a ideia de que um idiota seja plenamente feliz. Isto confunde o fraco, o já em processo de degenerescência, que ao ver Jesus inveja sua jovialidade e alegria imaginando desejar ser ele. Mas ser ele é ser o idiota, o mais profundo grau de degenerescência! Como é possível ser isto, aceitar isto, desejar isto para sorrir levemente como uma criança!? Por isso a necessidade de sanitizar a sociedade de toda forma de loucura e desrazão segregando esses afortunados em manicômios ou exterminando-os, pois a loucura confunde a ordenação lógica que o homem deu ao mundo, ao nível insolúvel de uma desconexão total entre, por exemplo, as palavras e as coisas. O louco nos é insuportável porque escancara sem nenhuma cordialidade a natureza completamente caótica da vida, desorganizando todas as nossas certezas e aprofundando a angústia de que a vida em si mesma não faz sentido algum. A gente que ordena o mundo a partir dos conceitos para ter o conforto de alguma certeza no intuito de sentir menos dor. Jesus tinha que ser assassinado, não porque fosse inimigo, mas porque era incapaz de fazer inimigos. Os assassinos de Jesus estavam confusos, pois a prática evangélica colocou o mundo de cabeça para baixo quando evidenciou-se que o beato sofria toda a agressão do mais fundo ódio, da mais leviana classe de humanos e não respondeu de nenhuma maneira, sua não reação se tornou seu ato de amor. Por que matar ao que não pode ser inimigo e, fisiopsicologicamente, é só amor? Ora, se os contemporâneos de Jesus, judeus, seus discípulos, os adeptos da seita, não entenderam a mensagem evangélica, menos ainda compreendeu Paulo e as igrejas cristãs.

Foi somente com a morte de Jesus, “essa morte inesperada, ignóbil”, com o paradoxo da cruz, com essa sentença de morte “geralmente reservada para a *canaille*”, que os apóstolos passaram a interpretar como um fracasso o empreendimento ao qual se associaram, transportando para o tipo do alegre mensageiro tudo aquilo que contraria seu instinto mais básico, ou seja, a revolta, a rebelião, a vingança, o ressentimento, o ódio(...).(SENA, 2012, p. 404).

¹⁵ AC 29

Qual a atitude esperada por um evangélico quando do assassinato de Jesus, se vingar do agressor arrumando um culpado, a própria humanidade pecadora que agora assume a dívida impagável e redireciona o ressentimento para dentro, pois reconhece sua responsabilidade pela morte de Deus; ou perdoar o algoz pelo ato cruel? A resposta do cristianismo eclesiástico consistiu na inteira distorção da prática de Jesus. O evangelho do idiota responde ao ódio com nenhuma ação ou mesmo reação e isto foi convertido na sua prática de amor, que por sua obstrução fisiológica significa um impedimento orgânico de uma vivência hostil ao agressor. Esta resposta não foi a de Paulo nem a da igreja cristã. O judeu matou Jesus, acusarão alguns! A Nova Aliança que anula os sacrifícios de sangue descritos no Levítico [Lv 16,17-29] fez-se pelo Cordeiro de Deus imolado em holocausto a devassidão pecadora do homem, ensinarão outros! Devemos nos penitencializar para louvar a dor do Cristo morto na cruz por todos nós, gritarão algures! Jejum, terço e meditações, dias a fio, praticarão alguns! A dor é resultado da desobediência e do assassinio de Deus, sentenciarão alhures! A mais inevangélica das formas de imitar o Redentor para conseguir a Redenção configurou a formação do cristianismo. O cristianismo quer o outro mundo e deste mundo sentenciar sua discórdia e podridão.

De fato, como Nietzsche observa, esses dois tipos, esses “dois Jesus” coexistem nos Evangelhos, mas são sintomas de dois corpos distintos, de duas vontades distintas, do idiota e do ressentido; um Jesus querelante, hostil, revolucionário, só pôde ser concebido quando o ressentimento dos apóstolos dele teve necessidade(..). (SENA, 2012, p. 405).

Assim, ao aceitar sua condição degenerada, Jesus alcança a sua redenção, o reino dos céus, aqui na Terra. Sem força alguma Jesus ama, ama porque no seu processo degenerescente encapsulou-se e não tem forças para combater o externo, ama porque é tomado por uma força, que não é dele, mas acredita ser motor que ainda move a vida. A força que o conduz na sua impotência absoluta vem do Pai. E porque sua idiotia o colocou em contato direto com Deus e por Ele toda força conduz a uma prática de amor, que ele pode ser filho. A condição do filho levado pelo Pai transforma o espírito livre num Espírito Santo. Mas o filho idiota em comunhão com o Pai santificado em sua beatitude de amor, não é mais filho, mas o próprio Pai: Deus e Santo.

5 Considerações finais

O tipo Jesus de Nietzsche é desprovido de vontade de poder e esta condição se faz perceptível pela análise fisiopsicológica. Outros métodos mostraram-se ineficazes ou insuficientes. Sua realidade esgotada o afasta de toda forma de conflito e combate, sendo uma existência de puro amor.

O reino de Deus encontrado por Jesus é um estado do coração porque esse tipo só pode lograr alcançar um estado de beatitude em sua própria intimidade, porque ele é *incapaz* de

resistir, sua vontade de poder alquebrada não poderia se efetivar por meio do combate, da luta, da resistência, do domínio (nem mesmo pelo domínio de si), da superação, mas somente por meio do *amor*.(SENA, 2012, p. 411).

O homem produto da inversão dos valores morais é exatamente este que não consegue lidar com o esforço de guerra que é a vida, tem dificuldade de assumir sua animalidade guerreira porque sofreu o processo de adestramento. Entretanto, mesmo este homem é provido de alguma vontade de poder. O tipo cristão e o tipo Jesus são desprovidos de vontade de poder, o tipo Jesus completamente sem vontade de poder, enquanto o cristão com ainda um *quantum* de energia. Os dois constituem-se organismos doentes, degenerados, hiperexcitados e esgotados. Entretanto, é Jesus o portador da boa nova que por sua inerte perspectiva de mundo transfigurou sua não reação em amor estabelecendo a crítica profunda ao cristianismo como transvaloração de todos os valores. “Deste modo, o agressor, tudo o que agride (toda realidade, portanto) incita, no agredido, uma resistência, uma resposta, uma defesa, da qual o degenerado se mostra incapaz. O degenerado se vê, então, com apenas duas opções: *ressentir* ou *amar*.” (SENA, 2012, p. 423). Jesus amou incondicionalmente!

Ateus e crentes, assim como todos nós, justificamos o mundo a partir destes pressupostos substancialistas, dualistas, rancorosos, rígidos: os pressupostos da psiquiatria clássica ou moderna, de um suposto progresso científico ou de uma objetividade subjacente a qualquer real palatável a qualquer um, como um sentido evidente por si mesmo, de um ser enquanto tal. O mundo, todo ele, uma totalidade compacta em si mesmo, sem causa e sem razão, uma profusão de tudo ao mesmo tempo o tempo todo, sem nada muito duro e seguro. Esse mundo assim tão inseguro nos é insuportável, a vida precisa fazer sentido. A invenção de Deus é uma solução útil para estancar a torrente de sofrimento de uma vida vazia. É porque a vida se impõe como força, vontade de poder, que se criam deuses no sentido de alimentar no homem a esperança no além-mundo evitando sua morte por desejo da vontade. O ateu, por outro lado, é um crente, entretanto, sem Deus. Estes, tão acostumados as suas certezas, sequer levantando uma ponta de dúvida, teriam dificuldades para uma filosofia *além de bem e mal*. Nossos esforços neuronais, cognitivos, emocionais, não dão conta de um mundo todo ele de uma vez e por isso nos apegamos a fragmentos do todo e o isolamos para neste sedimento do existir sermos o que somos. Uma filosofia do futuro exigiria do pensador as não-categorizações, o reconhecimento da incompletude, da impossibilidade do real, do sofrimento como condição da vida. Não é uma formulação que denuncia culpados e vítimas, todos esses pressupostos estacionários são estratégias da própria vida para nos proteger da derrota frente a uma dor lancinante e voraz.

Superado os dualismos ingênuos. A hipótese médica como instrumento para aguçar os anseios do intuitivo, e um Jesus sem vontade de poder: colocada uma posição materialista diagnosticada pela

psiquiatria, a idiotia, e o idiota como uma invenção russa. Aqui, se perderam todos os alicerces, pois o idiota de Jesus performa uma vontade de poder sem um conteúdo moral específico. Talvez, o tipo Jesus quando tomado pelo Pai assuma uma outra vontade de poder capaz incorporar novos valores, sem indicar valores em absoluto. Ou seja, sua existência performática, faz surgir uma vida transvalorada na medida em que assume o reino dos céus neste mundo, que não julga ou condena, que, apenas, ama. Idiota e sábio, Santo e louco, Pai e filho, espírito livre e Espírito Santo, poder sem poder, interpretação e conceito, medicina e literatura, peso e leveza, todas essas categorias assumem sua condição em Jesus, sempre numa transitoriedade, servindo aos anseios da vida, isto é, o tipo Jesus em sua mutabilidade frequenta os diversos modos de ser para mostrar, expor, exaltar a vida, sem procrastinação ou justificações. O seu sentido da vida é sem conteúdo porque é uma existência pronta, plenificada, pois reconhece sua condição decadente e vive sem maiores subterfúgios, de forma natural, com jovialidade e alegria.

O idiota de Jesus não é nem uma criação literária, nem médica, talvez, médico literária, mas suspeito que ainda seja pouco. O idiota de Jesus é o paradoxo de uma vida, sem vida, a nulidade de vida que unido a toda vida(Deus), afirma todas as vidas pelo exercício prático do amor. Isto não é nem blasfêmia, nem proselitismo cristão, isto é uma filosofia para *além de bem e mal*.

6 Referências Bibliográficas

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Editora Ave Maria, 2013.

BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A.; *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007

BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia e Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120.

_____. *A tipologia do ressentimento em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Húmus, v. 1, n. 2, 2011.

_____. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010.

_____. *Das profundezas do ressentimento ao sublime amor crístico: Dostoiévski e Nietzsche*. Ítaca, n. 21, 2012.

_____. *Espinosa, Nietzsche e a denúncia da moral teológica como distorção axiológica das disposições afirmativas da autêntica práxis crística*. Trilhas Filosóficas, v. 3, n. 1, 2010.

_____. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013.

_____. *Nietzsche e sua compreensão extra-moral da experiência originária da beatitude evangélica de Jesus*. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 34, p. 447-468, 2011.

_____. *Nietzsche e a Psicologia do Redentor*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 7, n. 14, p. 57-71, 2011.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Correspondências (1838-1880)*. Trad. de Robertson Frizero. Porto Alegre: Inverso, 2009.

_____. *Crime e Castigo*. Editorial Presença, 2011.

_____. *Gente pobre*. Fiódor Dostoiévski, 2015.

_____. *Memórias do subsolo*. São Paulo: editora 34, 2017.

_____. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, v. 34, 2002.

_____. *Os Demônios*, Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Editora, v. 34, 2004.

_____. *Os irmãos Karamázov*. Ed. 34, 2008.

FOGEL, Gilvan. "O homem doente do homem. A colocação de um problema a partir de F. Nietzsche e F. Dostoiévski?" In: Vânia Dutra de Azeredo (org.) *Encontros Nietzsche*. Ijuí: Ed.Unijuí, 2003, p. 51-70.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Labirintos da alma – Nietzsche e a auto-supressão da Moral*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

GIACÓIA JR, O. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Nietzsche como Psicólogo*. Vale do Rio dos Sinos: Ed. Unisinos, 2001.

MARTON, scarlett *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____; DE MORAES BARROS, Fernando. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. hedra, 2007.

_____. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do Futuro*. Editora Companhia das Letras, 2005.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Editora Companhia das Letras, 2011.

_____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Editora Companhia das Letras, 2004.

_____. *Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo*. Editora Companhia das Letras, 2006.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Companhia das Letras, 2004.

- _____. *Escritos sobre história*. Edições Loyola, 2005
- _____. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, 1998.
- _____. *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. Editora Companhia das Letras, 2007.
- _____. *O nascimento da tragédia no espírito da música*. São Paulo: Abril, 1978.
- _____; DE SOUZA, Paulo César. *A Gaia Ciência*. Editora Companhia das Letras, 2017.
- _____; GIACÓIA, Oswald. *Fragments póstumos*. IFCH/UNICAMP, 1996.
- PASCHOAL, A. E. *Memória e esquecimento em Nietzsche*. In: Falando de Nietzsche – Org. Vânia Dutra de Azeredo. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- _____. *Vestígios de Dostoiévski na correspondência de Nietzsche*. Estudos Nietzsche, v. 6, n. 2, 2016.
- _____. *A superação do ressentimento na filosofia de Nietzsche*. Estudos Nietzsche, 2012.
- _____. *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010.
- RENAN, Ernest. *Vida de Jesus*. Trad. de Eduardo Augusto Salgado. Porto: Livraria Chardron, Lello & Irmão, 1915.
- SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012.
- SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010.
- SOUZA, Cláudia Franco. *Dostoiévski, Nietzsche e Freud e o mal-estar na consciência*. Actas das Jornadas de Jovens Investigadores de Filosofia–, p. 39.
- STEGMAIER, Werner. *As Linhas Fundamentais do Pensamento de Nietzsche*. Editora Vozes, 2013.
- STELLINO, Paolo. *El descubrimiento de Dostoiévski por parte de Nietzsche*. Contrastes. Revista Internacional de Filosofía, v. 13, 2007.
- STENDHAL. *O Vermelho e o Negro*. Editora Nova Cultural Ltda: São Paulo, 2002.
- TOLSTÓI, Leon. *O Reino de Deus está em vós*. Trad. de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1994.
- TOLSTÓI, Liev. *Minha Religião*. Trad. De Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: A Girafa, 2011.
- VIANA, Nildo. *Nietzsche, Vontade de Potência e Irracionalismo*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 20, n. 9/10, p. 569-589, set./out. 2010.

O SUPORTE PSIQUIÁTRICO AO ARGUMENTO NIETZSCHEANO DE UMA NULIDADE DE PODER NO TIPO
FISIOPSICOLÓGICO DO REDENTOR. EK23014

VIENSENTEINER, Jorge Luiz. *Experimento e Vivência: a dimensão da vida como pathos*. Campinas, 2009.

WELLHAUSEN, Julius. *Prolegomena to the history of ancient Israel*. Encyclopaedia Britannica, 1885



JESUS, Wesley Barbosa de; O SUPORTE PSIQUIÁTRICO AO ARGUMENTO NIETZSCHEANO DE UMA NULIDADE DE PODER NO TIPO FISIOPSICOLÓGICO DO REDENTOR. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.20, n.1, 2023, eK23014, p. 01-20.

Recebido: 12/2022

Aprovado: 01/2023